

# FALA E ESCRITA: A PRESENÇA DO DISCURSO REPORTADO EM TEXTOS DE ENTREVISTA

Flávia Elizabeth de Oliveira GOMES<sup>1</sup>

## RESUMO

Apoiando-se nos referenciais teóricos bakhtinianos, especialmente naqueles que versam sobre a teoria dialógica do discurso e consideram a noção de sujeito como ser sócio-histórico que se constrói nas práticas sociais, este trabalho discute resultados de uma pesquisa que estudou a relação fala/escrita no gênero entrevista jornalística com base no processo de retextualização. Esta atividade, que implica a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, evidencia a presença do discurso reportado ou o discurso de outrem como uma unidade integral da construção discursiva. O *corpus* em estudo foi extraído da seção *Nossos Valores* do jornal sindical *Adurn Notícias* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que publica semanalmente entrevistas jornalísticas com professores ativos da referida instituição. Descrevemos a estrutura do texto retextualizado correlacionando-a ao texto oral, levando, portanto, em consideração a relação público-ouvinte ou leitor a que se destina, assim como características do gênero no qual se insere. Verifica-se que o discurso reportado presente nas entrevistas publicadas, representativas do *corpus* da pesquisa, revela que ocorrem diversos procedimentos de incorporação do discurso alheio, sobretudo aos que dizem respeito ao uso do discurso indireto. Contudo, percebe-se não haver, em alguns casos, demarcações nítidas entre as vozes. Além das contribuições de Bakhtin (1990;2000), as bases teóricas desse trabalho estão fundamentadas em Marcuschi (1986;1999;2001), Matencio (2002;2003), Authier-Revuz (1982), Fávero *et al* (1997;1998;1999; 2000).

PALAVRAS-CHAVE: gênero; retextualização; discurso.

## Introdução

O presente artigo insere-se no quadro da Linguística Aplicada e discute a relação fala/escrita no gênero entrevista jornalística com base no processo de retextualização. Esta atividade, que implica a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, evidencia a presença do discurso reportado como uma unidade integral da construção discursiva. Portanto, especificamente, discutimos, neste trabalho, a presença

---

<sup>1</sup>UFRN, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Caixa Postal 1524 - Campus Universitário Lagoa Nova CEP 59072-970, Natal - RN – Brasil, flaviaolig@gmail.com

do discurso reportado em textos de entrevista jornalística.

O *corpus* estudado foi extraído da seção *Nossos Valores* do jornal sindical *Adurn Notícias*<sup>2</sup> da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na cidade de Natal, que publica semanalmente entrevistas jornalísticas com professores ativos da referida instituição.

Nosso interesse pela relação fala/escrita consiste na constatação de que este tem sido um tema bastante pesquisado desde a década de 80, a partir de várias perspectivas teóricas, o que tem contribuído significativamente não apenas para uma melhor compreensão de inúmeros fenômenos lingüísticos em vários gêneros do discurso, mas também para explicar as mudanças e inovações por que passa a nossa língua no tocante à questão do ensino em todos os níveis (fundamental, médio e superior).

Nesse sentido, ressaltamos a importância desta pesquisa e de outras nessa área temática não apenas pela contribuição aos estudos da língua oral e de suas relações com a escrita, mas também pela compreensão da atividade de retextualização como uma estratégia de aprendizagem em situações de ensino, que, necessariamente, abrange o caráter dialógico da linguagem.

O quadro teórico da nossa pesquisa está embasado na perspectiva enunciativo-discursiva que entende a interação pela linguagem como o pilar do princípio dialógico, este concebido por Bakhtin (1990), em que o dialogismo se apresenta como um fenômeno geral de todo e qualquer uso da língua, tanto na oralidade quanto na escrita.

Em resumo, objetivamos responder de que forma o(a) entrevistador(a) se utiliza do discurso do entrevistado ao passar para a modalidade escrita o texto falado e quais mecanismos lingüísticos são colocados em prática durante esse processo de retextualização.

---

<sup>2</sup>Adurn: Associação dos docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

## **Aspectos Metodológicos**

A presente pesquisa encontra-se inserida na concepção investigativa da Lingüística Aplicada definida por Cavalcanti (1990, p. 44). Para essa autora, fazer pesquisa, nesta área, é “identificar um problema na prática, estabelecer caminhos teóricos (geralmente interdisciplinares), coletar registros e analisá-los, e voltar ao problema identificado com implicações e/ou sugestões de encaminhamento”. A noção veiculada na citação que ora fazemos, caracteriza, pois, nossa intenção.

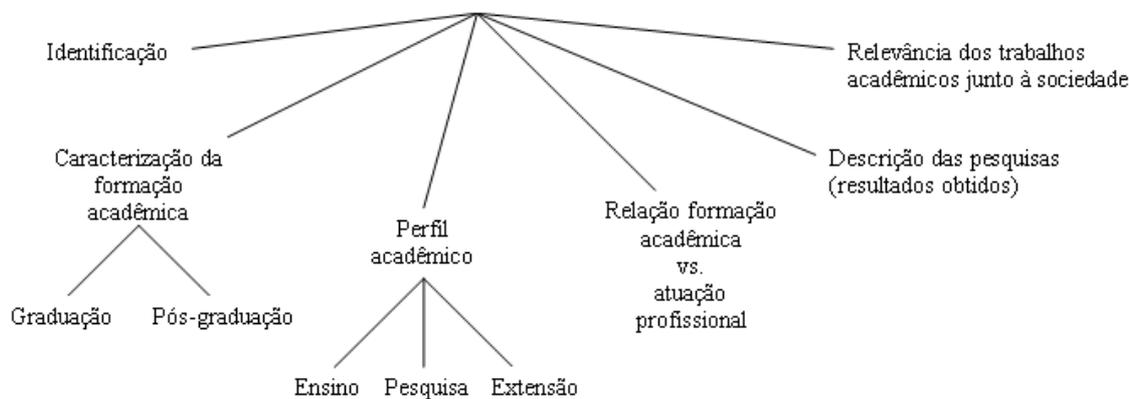
O percurso metodológico trilhado por esta pesquisa com o fim de alcançar os objetivos inicialmente definidos encontra-se pautado em um enfoque qualitativo de investigação, uma vez que este tipo de pesquisa permite observar e descrever fenômenos, procurando compreendê-los e interpretá-los. (GONSALVES, 2001, p. 66).

Vale salientar que o critério de escolha desse *corpus* para a análise se deve à facilidade do acesso ao material pesquisado, uma vez que a Adurn é uma associação pertencente à UFRN e gentilmente nos concedeu todo o espaço e condições necessárias para a coleta dos dados. As entrevistas publicadas pelo *Adurn Notícias* são planejadas, preparadas e realizadas pela equipe de assessoria de imprensa da Adurn. Nessa direção, ao solicitarmos junto à Adurn a permissão para a nossa coleta de dados, fomos prontamente atendidos, o que nos permitiu conduzir nosso trabalho de maneira eficaz.

O texto publicado semanalmente pelo *Adurn Notícias* visa a enfatizar os seguintes tópicos, conforme o seguinte esquema:

### **Esquema 1 – Tópicos focalizados nas entrevistas**

# TÓPICOS



Esse esquema, de maneira geral, abrange os principais temas abordados durante as entrevistas coletadas para a nossa análise, dispostos de acordo com esta ordem: identificação, formação acadêmica, perfil acadêmico, relação formação acadêmica *versus* atuação profissional, resultados das pesquisas mais recentes e relevância dos trabalhos acadêmicos junto à sociedade.

A nossa análise baseia-se na transcrição das entrevistas, em que atribuímos as iniciais L1 (locutor 1) para as entrevistadoras e L2 (locutor 2) para os professores entrevistados. Utilizamos o sistema ortográfico, os sinais convencionalizados e consideramos eminentemente a produção real dos falantes. Selecionamos alguns trechos das perguntas e das respostas das referidas entrevistas jornalísticas em suas versões transcrita (oral) e retextualizada (escrita), a fim de observarmos a presença do discurso reportado nos textos estudados.

## **A noção de gênero discursivo**

Tendo em vista a centralidade da noção de gênero discursivo para este trabalho, abordaremos, sucintamente, a visão que embasa nossa compreensão sobre este assunto: a teoria de Bakhtin.

O dialogismo abre caminho para uma compreensão complexa e variada do uso da linguagem, através de enunciados orais e escritos. Nisto, Bakhtin (2003, p. 262) então define:

[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.

A conceituação de gênero postulada por Bakhtin aponta para uma discussão acerca das atividades de linguagem e sua relação com as esferas de caráter social, uma vez que os enunciados são constituídos durante o processo de interação de cada espaço de utilização da língua.

Definido como “a unidade real da comunicação discursiva”, o enunciado possui uma dimensão verbal e extra-verbal, como a situação de produção, que inclui a compreensão responsiva e a atividade valorativa dos interlocutores. Além disso, o enunciado está inserido no plano do discurso e baseado no princípio da alternância dos sujeitos. Essa alternância extrapola os limites de uma interação face a face, pois o enunciado está relacionado a fatores que fazem sua produção/recepção dependerem de um diálogo com outros discursos, sendo também a condição prévia de construção de alguns gêneros.

Logo, estruturalmente, gênero e enunciado apresentam características comuns, tendo em vista que os gêneros realizam-se através dos enunciados, orais e escritos. O gênero constitui-se, portanto, dos seguintes elementos: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

Em síntese, os gêneros do discurso, na teoria bakhtiniana, fazem parte de diferentes esferas de uso da linguagem e de diferentes códigos culturais, tendo em vista a heterogeneidade de realizações lingüísticas e semióticas presentes na contemporaneidade, fenômenos já considerados por Bakhtin em suas conceituações originais do *dialogismo*, da *polifonia*, da *heteroglossia* e da *plurivocidade*.

### **O gênero entrevista**

Canonicamente, a entrevista é um texto oral e um tipo de elocução formal, construída com a participação de dois ou mais locutores – entrevistador e entrevistados – centrados em uma interação, através de um tema. Além de ser caracterizado por traços de dialogicidade, interação e planejamento local, o gênero entrevista pode ainda ser individualizado sob o ângulo de escala de maior ou menor grau de dialogicidade (Fávero e Aquino, 1997).

A entrevista é organizada, via de regra, de acordo com a seguinte composição estrutural (adaptada de Marcuschi, 2000, p. 110):

Entrevistador: pergunta [estabelece o tópico]

Entrevistado: responde [em relação ao tópico proposto]

Entrevistador: pergunta [sobre o mesmo ou outro tópico]

Entrevistado: responde [em relação ao posto]

Considerando gênero como um evento comunicativo, Marcuschi (2000, *apud* Steger, 1974) usa o termo *constelação* usado para classificar as entrevistas como uma grande constelação de eventos, observando suas diferentes realizações e intenções, como é o caso de entrevistas médicas, entrevistas judiciais, entrevistas para coleta de dados, entre outras, mas todas com uma estrutura mínima que as unifica como parte deste gênero.

Portanto, entendemos que a entrevista manifesta uma organização *relativamente estável* materializando o que já havia dito Bakhtin (1990). Isso decorre de suas finalidades específicas, confirmando a *constelação de eventos* conceituada por Steger (*op. cit.*).

Dentre os vários tipos de entrevista, a de cunho jornalístico permite que o leitor ou ouvinte conheça opiniões, idéias e pensamentos do entrevistado. Nesse âmbito, a maioria das notícias publicadas em jornais e revistas têm entrevistas como matéria-prima, uma vez que em tais veículos de publicação, as entrevistas apresentam-se, comumente, sob o formato de perguntas e respostas, contendo um texto que introduz o assunto de forma resumida, além de uma apresentação biográfica do entrevistado.

Medina (2002, p. 6), autora de trabalhos circunscritos na área jornalística, entende a técnica da entrevista como um “diálogo possível”, uma vez que uma entrevista bem-sucedida transmite autenticidade e interação entre entrevistado, entrevistador e a audiência (leitor e telespectador), instaurando-se uma *vivência única*.

### **Retextualização**

Nas atividades sócio-interativas diárias, fala e escrita se compõem no processo de textualização, uma atividade bastante comum no nosso cotidiano, já que está presente nas situações em que a língua é usada.

Marcuschi (2001) foi um dos principais (e primeiros) autores brasileiros que desenvolveu uma série de considerações a respeito das atividades de retextualização<sup>3</sup>. Para ele, a retextualização “é a passagem de um texto para outro e pode ocorrer do oral

---

<sup>3</sup> O termo *retextualização* foi originalmente empregado por Neusa Travaglia (1993) no sentido de tradução de uma língua para outra.

para o oral, do escrito para o escrito, do escrito para o oral e do oral para o escrito”. (p. 16)

Diferentemente de Marcuschi (2001), que entende a retextualização como a passagem de uma modalidade para outra, Matencio (2003) observa a retextualização de textos acadêmicos em situações de ensino que visem à formação profissional. Portanto, a retextualização é vista aqui como uma estratégia de aprendizagem.

De acordo com Matencio (2003, p. 3), retextualizar envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias lingüísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referência. A atividade de retextualização envolve, dessa perspectiva, tanto relações entre gêneros e textos – o fenômeno da intertextualidade – quanto relações entre discursos – a interdiscursividade.

Matencio (2002) ressalta a diferença, nesse contexto, entre a retextualização de texto escrito para texto escrito e a atividade de reescrita (ou refacção). Para ela, a concepção de Marcuschi (2001a) se enquadra nesta última atividade. Embora ambas as concepções envolvam operações lingüísticas semelhantes, em relação às operações textuais e discursivas, as diferenças são muito maiores. Retextualizar, na ótica de Matencio, implica, necessariamente, em mudança de propósito e na compreensão deste propósito por parte do transformador e de suas representações do gênero e da modalidade.

## **Discurso reportado**

O discurso reportado tem sido objeto de muitos estudos, uma vez que revela a relação ao discurso do outro e, conseqüentemente, ao outro. Segundo Bakhtin (1990, p. 144), “o discurso citado é o *discurso no discurso, a enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, *um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação*” (ênfase do autor).

Este autor define o discurso citado a partir dos seguintes aspectos, a saber: o tema; a autonomia e os tipos de inter-relação entre o discurso citado e o contexto narrativo.

De acordo com Bakhtin, o tema penetra no discurso conservando as suas características estruturais e semânticas, assim como aquelas do discurso que o absorve. A autonomia, ou o caráter autônomo do discurso de outrem se relaciona ao fato de o discurso citado ter o conteúdo conservado, assim como sua “integridade lingüística” e sua “autonomia estrutural primitiva”.

No que concerne ao contexto narrativo, Bakhtin (*op. cit.*) destaca o *comentário efetivo* (comentário citado isolado do contexto narrativo) e a *réplica*, batizado de “estilo linear”. Nesse estilo, “o discurso construído como sendo o de outrem atinge uma sobriedade e uma plasticidade máximas” (p. 150). O “estilo pictórico”, por sua vez, permite que o autor do texto narrativo penetre no discurso citado com os seus comentários. Segundo o autor (p. 150), “não é apenas o seu sentido objetivo que é apreendido, a asserção que está nela contida, mas também todas as particularidades lingüísticas da sua realização verbal”.

Além da concepção bakhtiniana de discurso de “outrem”, tentaremos fazer uma aproximação com o conceito de heterogeneidade discursiva de Authier-Revuz (1990).

Authier-Revuz apresenta as formas de “heterogeneidade mostrada” e “heterogeneidade constitutiva”, sendo a primeira delas classificada como marcada (discurso direto, aspas, itálico, incisos de glosas) e não-marcada (discurso indireto livre, ironia, pastiche, imitação, etc.).

A heterogeneidade mostrada no discurso “[...] se altera a unicidade aparente da cadeia discursiva, pois elas aí inscrevem o outro (segundo modalidades diferentes, com ou sem marcas unívocas de ancoragem)” (Authier-Revuz, 1990, p. 29), tratando-se dos processos de representação do discurso, do aspecto do intradiscurso. A heterogeneidade constitutiva, por outro lado, opera num plano diferente, o dos processos de constituição do discurso, o interdiscurso.

Conforme a autora, a noção de heterogeneidade constitutiva fundamenta-se nas teorias do dialogismo do Círculo de Bakhtin, do interdiscurso e da psicanálise. Acerca do dialogismo apreende-se que a nossa fala é sempre habitada por discursos outros, já proferidos, enquanto no interdiscurso, o exterior do discurso é considerado como determinante das escolhas feitas pelo sujeito. Finalmente, para a psicanálise, a fala é considerada heterogênea e o sujeito um ser dividido.

Nesse contexto, os planos da heterogeneidade mostrada e da heterogeneidade constitutiva encontram-se de forma conjunta no campo da enunciação, de modo que, “na descrição, circunscrever-se a um dos dois planos é evidentemente legítimo; mas colocar esse plano como um todo autônomo, fechado a esse exterior pertinente que constitui o outro plano, é fonte, creio inevitável, de engano e de multidão do terreno escolhido” (Authier-Revuz, *op. cit.*, p. 35).

## **Análise do *corpus***

A fim de focalizarmos de que maneira o discurso dos entrevistados é retextualizado, através do discurso citado, a análise do *corpus* é feita comparativamente entre a versão transcrita (oral) e a versão publicada (escrita), conforme observamos abaixo:

### **Exemplo 1:**

L1: fala um pouquinho pra mim do desenvolvimento desse projeto...

L2: de energia eólica?

L1: sim

L2: ...de energia eólica é... estudar o impacto dos aerogeradores é... no sistema elétrico sob o ponto de vista da qualidade da energia elétrica né...e esse impacto dos aerogeradores são escolhidas determinadas tecnologias que hoje são utilizadas...então a gente estudou aqui o impacto dos aerogeradores de medição...é...é...foram estudadas e...aerogeradores simples que é uma outra terminologia de aerogeradores que é utilizada para a geração de energia eólica...

### **L1 retextualizando L2:**

Atualmente, o professor focaliza seus estudos na área de energia eólica, considerada uma das mais promissoras fontes naturais de energia, por ser renovável (não se esgota) e auxiliar na redução do efeito-estufa, se utilizada para substituir fontes de combustíveis fósseis. L2, há quatro anos, desenvolve um projeto que estuda o impacto dos aerogeradores no sistema elétrico sob o ponto de vista da qualidade da energia elétrica gerada pela eólica.

O professor explica que por ser uma nova área a ser explorada, a instalação de parques eólicos deve ser fundamentada com base neste tipo de estudo, para que se prove sua qualidade e viabilidade.

Ao compararmos as versões transcrita e retextualizada da entrevista em estudo, observamos que o texto publicado apresenta reformulações e algumas substituições lexicais, além da inserção de informações que não estão presentes no texto-fonte (“promissoras fontes naturais de energia”/ “redução do efeito-estufa”).

Algumas dessas informações podem ter sido retiradas do *Curriculum Lattes* do entrevistado, que, de acordo com a nossa observação, figura como uma fonte de coleta de dados sobre a vida acadêmica dos entrevistados dessa coluna<sup>4</sup>.

Esse tipo de retextualização abre espaço, portanto, para o uso freqüente do discurso indireto. Na versão retextualizada, há vários momentos em que esse recurso é

---

<sup>4</sup> Durante a fase de coleta de dados, no nosso papel de pesquisadora-observadora, tivemos acesso à preparação das entrevistas, segundo mencionamos no capítulo de metodologia, e dentre as etapas desse processo, a elaboração do *script* remete, basicamente, à consulta ao *Curriculum Lattes* dos entrevistados, considerando que as informações contidas nesse documento, em tese, estão atualizadas.

igualmente utilizado por meio de verbos *dicendi*: “L2 explica que após as privatizações...” ; “O professor focaliza seus estudos na área de energia eólica...” ; “L2, há quatro anos, desenvolve um projeto...” ; “O professor explica que por ser uma nova área...”.

Conforme Authier-Revuz (1990), “no discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do “sentido” dos propósitos que ele relata” (p. 12).

Desse modo, L1 estabelece uma parceria com seu interlocutor, procurando levá-lo a participar da construção de sentido do texto. Esse fato decorre do caráter dialógico da linguagem: o reconhecimento da presença do outro na interação verbal. Indo mais além, o texto publicado também parte rumo a uma heterogeneidade constitutiva, isto é, “à presença do outro – às palavras dos outros, às outras palavras – em toda parte sempre presentes no discurso, não dependente de uma abordagem lingüística” (Cf. Authier-Revuz, *op.cit.*, p. 21).

Isso se confirma durante a análise das duas versões da entrevista, em que nem sempre sabemos distinguir a autoria de certas proposições, o que se constitui, em certa medida, no que Bakhtin (1990) chama de *hibridação intencional*. Essa presença diluída do outro no discurso do texto dialogado transformado em texto monologado demonstra que não há, em algumas partes do texto escrito, demarcação nítida entre as vozes.

Na entrevista 2, a presença da fala do entrevistado é marcada igualmente pelo uso do discurso indireto, mas percebe-se a recorrência do discurso direto em algumas passagens, como, por exemplo, no seguinte trecho:

**Exemplo 2:**

L1: eu não tenho nada a ver com isso ((*risos*))

L2: eu não tenho nada a ver...exatamente...na/no doutorado ai eu trabalhei o surgimento da própria região Nordeste...fazendo essa pesquisa descobri que o Nordeste só aparece no começo do século XX...não existia esse recorte regional antes do começo do século XX...em toda a documentação você só encontra Norte e Sul...daí porque as pessoas de São Paulo ainda chamam a gente

L1: do Norte

L2: do NORte...de nortistas...porque na verdade foi uma identidade criada no começo do século XX...aí a pergunta básica é... por que que o Nordeste surgiu aí...por que que o Nordeste foi inventado no começo do século XX...né...essa tese virou o livro a invenção do Nordeste

L1: tá publicado...

L2: tá publicado...já tá na terceira edição...e...e aí eu vou mostrar o contexto político...a decadência econômica...política das elites dessa área e como elas inventam o Nordeste como uma forma de se articular e de se defender diante do avanço do centro-sul...do ponto de vista econômico...do ponto de vista político etc...e é o movimento que vai inventar essa idéia que a gente tem do Nordeste...

### **L1 retextualizando L2:**

Ainda em suas pesquisas, o professor descobriu que é só no começo do século XX que surge a região Nordeste: “Não existia esse recorte regional antes. Em toda documentação só encontra-se norte e sul”. Já na tese de doutorado, que rendeu o livro “A invenção do Nordeste”, é mostrado o contexto social, a decadência econômica e política das elites e a invenção do Nordeste como uma forma de articulação e de defesa frente ao avanço centro-sul. Para L2, foi esse movimento que gerou a imagem atribuída ao Nordeste por parte das pessoas do sul, existente até hoje. Essa visão caracteriza a região como atrasada, seca, rural.

Portanto, fazendo uso das duas modalidades de discurso, o texto do jornal é construído através das formas explícitas de heterogeneidade. O discurso direto empreendido nessa e em outras passagens desta entrevista configura-se no tipo de “discurso citado antecipado e disseminado”, conforme define Bakhtin (1992), pois conserva as entonações do autor.

### **Exemplo 3:**

L1: isso eu registrei o que a senhora tava falando...mas não anotei aqui...a senhora descobriu uma nova espécie de: e...de sapo...de rã...aqui no parque das Dunas?

L2: não...no parque das Dunas não...no parque das Dunas é um lagarto...

L1: é um lagarto?

L2: é um lagarto...é um dos MENores do mundo e o menor da América do Sul...já foi bem divulgado um pouco isso...

L1: hum hum

L2: é um dos menores do mundo e o menor da América do Sul...eu até homenageei a cidade de Natal...se chama *Coleodactylus Natalensis*...

L1: que interessante...

### **L1 retextualizando L2:**

Aqui no RN, L2 descobriu no Parque das Dunas uma nova espécie de lagarto, o *Coleodactylus Natalensis*, que é o menor lagarto em tamanho de toda a América Latina e um dos menores do mundo.

Nesse exemplo observa-se o uso do discurso indireto *analizador de conteúdo* (Bakhtin, *op. cit.*), uma vez que é mantido o plano temático do texto-fonte, embora L1 tenha trocado *América do sul* por *América Latina*, pois geograficamente as duas

Américas não correspondem à mesma extensão territorial. Essa alteração no texto-alvo comprometeu a veracidade e o sentido da informação dada. Portanto, o discurso indireto utilizado nesse fragmento da entrevista recai sobre a seguinte afirmação de Morin (1973, *apud* Medina, 2002, p. 11), quando ele diz que “a entrevista, evidentemente, se funda na mais duvidosa e mais rica das fontes, a palavra. Ela corre o risco permanente de dissimulação ou da fabulação”.

### **Considerações Finais**

A retextualização realizada nos exemplos ilustrados faz uso do discurso direto que parece emergir do discurso indireto livre, pois as vozes de L1 e L2 se entrelaçam ao compararmos as versões oral e escrita. Esse e os demais exemplos já discutidos fazem parte do *discurso jornalístico* através de um processo de (re)construção recorrente, em que L2 “elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais” que permite conservar certa “autonomia primitiva do discurso de outrem” (Bakhtin, *op. cit.*). Nesse sentido, o discurso da entrevistadora e o discurso dos entrevistados integram, assim, uma só configuração sintática que se orienta para o receptor/leitor.

A observação do material selecionado sinaliza também para uma produção de discursos ausentes de subjetividade das jornalistas, embora não existam textos completamente impessoais. O próprio texto reeditado para a publicação sem a presença dos turnos de fala ganha uma nova significação constituída de elementos como estilo, conteúdo temático e construção composicional diferentes do gênero estudado - a entrevista jornalística.

### **Referências Bibliográficas**

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In. **Entre a transparência e a opacidade**. 1990.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. 5ª edição. São Paulo: Hucitec, 1990.

\_\_\_\_\_. “Os gêneros do discurso”. In. M. Bakhtin. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.(p. 277-326)

FÁVERO, L. L. & AQUINO, Z. G. O. Textualização de produções orais formais – o caso da entrevista. In. KOCH, I. e BARROS, K. (Orgs.). **Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação**. Natal: UFRN, 1997, p. 67-72.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas – SP: Alínea, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais**: o que são e como se classificam. Recife, UFPE, 2000. (no prelo)

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas**: um estudo do resumo. In. Revista Scripta, v. 6. n. 11. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002, p. 109-122.

\_\_\_\_\_. **Referenciação e retextualização de textos acadêmicos**: um estudo do resumo e da resenha. In. ANAIS do III Congresso Internacional da ABRALIN. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles; SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Retextualização**: movimentos de aprendizagem. In. II ENCONTRO INTERNACIONAL LINGUAGEM, CULTURA E COGNIÇÃO. Belo Horizonte/Campinas: Faculdade de Educação da UFMG/ Faculdade de Educação da UNICAMP, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista – o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2002.

